



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROSSANA DA CONCEIÇÃO HONORATO DE SOUZA

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [EJ] NA FALA DO PESSOENSE

João Pessoa

2020

ROSSANA DA CONCEIÇÃO HONORATO DE SOUZA

A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Juliene Pedrosa.

João Pessoa

2020

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação e
Classificação**

S729m Souza, Rossana da Conceicao Honorato de.

A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense / Rossana da Conceicao Honorato de Souza. - João Pessoa, 2020.

32 f.

Orientação: Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa. TCC (Graduação)
- UFPB/CCHLA.

UFPB/CCHLA

CDU 81

Dedicado aos meus pais e aos meus anjos-
avós.

Agradecimentos

Ser professora é o meu sonho desde antes que eu pudesse entender o que é verdadeiramente ser professor. Passei grande parte da minha infância brincando com quadros e livros, apaixonando-me pelas palavras e pela ideia de tornar-me professora de verdade um dia.

Agora que o meu sonho está prestes a se tornar realidade, quero agradecer a todas as pessoas que tornaram esse sonho possível.

Agradeço primeiramente a Deus, por ser a minha força quando eu queria desistir.

Agradeço aos meus pais, Rossano de Sousa Xavier e Maria do Desterro Xavier Honorato, pelo apoio e investimento em mim, pois sem eles eu não conseguiria chegar até aqui.

Agradeço a todos os meus professores, especialmente à professora Juliene Pedrosa, por contribuírem para a minha formação e por me inspirarem a ser uma excelente profissional.

Agradeço a Pedro Felipe de Lima Henrique e a André Wesley Dantas de Amorim, professores que tão gentilmente me ajudaram nesse processo, dando aulas sobre sociolinguística e sobre o R, apenas por amor à pesquisa. Vocês foram verdadeiros anjos e eu nunca conseguirei agradecer o suficiente.

Agradeço à minha família, em especial aos meus primos e ao meu irmão, por nunca deixarem que eu me sentisse sem ânimo.

Agradeço aos meus amigos, que me apoiaram durante todo o curso.

Finalmente, agradeço também ao meu namorado, Hiago José Leite Cordeiro, por estar sempre ao meu lado, ajudando-me a superar todas as dificuldades que encontrei pelo caminho.

RESUMO

A monotongação é o nome que se dá ao processo em que um ditongo é realizado como uma vogal simples, decorrente do apagamento da semivogal do ditongo. Considerando a Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), a partir dos trabalhos de Hora (2001, 2012), Silva (2001; 2004) e Aragão (2009), esta pesquisa tem o objetivo de analisar quanto o fenômeno da monotongação do ditongo [ej] é recorrente na fala dos homens de João Pessoa, além de verificar quais variáveis extralinguísticas (faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista) e quais variáveis linguísticas (contexto fonológico seguinte, natureza morfológica, número de sílabas, tonicidade e classe gramatical) condicionam positivamente ou restringem a sua realização. Para este estudo, foi selecionada uma amostra de 12 informantes do banco de dados do Projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), entrevistados no ano de 2018. Todos os informantes são do sexo masculino, estratificados em relação à faixa etária (15 a 25 anos e mais de 49 anos) e à escolaridade (de zero a cinco anos, de seis a onze anos e mais de onze anos de escolaridade). Todos os dados serão tratados estatisticamente no programa RStudio (2020) e os resultados esperados são que o contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba se apresentem como fatores mais significativos para a ocorrência da monotongação.

Palavras-chave: Ditongo. Monotongação. Teoria da Variação.

ABSTRACT

Monotongation is the name given to the process in which a diphthong is performed as a simple vowel, resulting from the deletion of the diphthong's semivowel. Considering the Theory of Variation (LABOV, 1972, 1994), from the work of Hora (2001, 2012), Silva (2001; 2004), and Aragão (2009), this research aims to analyze how much the phenomenon of Monotongation of the diphthong [ej] is recurrent in the speech of João Pessoa's men, in addition to verifying which extralinguistic variables (age group, education, and interview subject) and which linguistic variables (next phonological context, morphological nature, number of syllables, tonicity, and grammatical class) positively condition or restrict its fulfillment. For this study, a sample of 12 informants was selected from the database of the VALPB Project (Linguistic Variation in the State of Paraíba), interviewed in 2018. All informants are male, stratified about the age group (15 to 25 years and over 49 years) and schooling (from zero to five years, from six to eleven years, and more than eleven years of schooling). All data will be treated statistically in the RStudio (2020) program and the expected results are that the following phonological context and the syllable tone are presented as the most significant factors for the occurrence of Monotongation.

Keywords: Diphthong. Monotongation. Variation Theory.

LISTAS DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – Estratificação social dos informantes para a coleta de dados	21
QUADRO 2 – Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas	22
GRÁFICO 1 – Contexto Fonológico Seguinte	24
GRÁFICO 2 – Tonicidade da Sílabas	25
GRÁFICO 3 – Natureza Morfológica do Ditongo	26
GRÁFICO 4 – Assunto da Entrevista	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETO DE ESTUDO	12
2.1 Ditongo	12
2.2 Monotongação	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1 Teoria da Variação Linguística	17
3.2 Significado Social da Variação: Eckert e Labov (2017)	19
3 METODOLOGIA	21
4 RESULTADOS	24
4.1 Variáveis Linguísticas	24
4.2 Variáveis Extralinguísticas	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6 REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A monotongação é o fenômeno de apagamento da semivogal em um ditongo, que passa a ser tratado como uma vogal simples. Trask (1996) define a monotongação como “qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”. Já Câmara Jr. (1977) destaca o caráter fonético do processo, ressaltando que a semivogal do ditongo é apagada em situações de fala menos monitoradas, mas permanece na escrita e em situações de fala mais monitoradas.

Pesquisas sobre o fenômeno da monotongação em João Pessoa como as de Hora (2001, 2012), Souza (2001, 2004) e Aragão (2009) têm demonstrado que o fenômeno é motivado mais por forças estruturais do que sociais. O presente estudo tem o objetivo de analisar, segundo a Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), quais variáveis condicionam positivamente e quais variáveis restringem a monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense, a partir de uma análise estatística dos dados no programa RStudio (2020), comparando os resultados obtidos aos resultados das pesquisas anteriores na cidade de João Pessoa.

Os trabalhos de Hora (2001, 2012) e Souza (2001, 2004) apontam o contexto fonológico seguinte, a tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo e os anos de escolaridade do falante como os fatores mais significativos para o apagamento do glide no ditongo. Já o trabalho de Aragão (2009), apesar de também reforçar a influência do contexto fonológico seguinte para a monotongação, obtém como resultado o tipo de registro (formal ou informal) influenciando mais no apagamento do glide que os anos de escolaridade do falante. De acordo com os dados da autora, contextos de fala informal favorecem a monotongação.

A monotongação não tem sido muito estudada em João Pessoa atualmente. Mas por ser um fenômeno muito recorrente na fala espontânea, há muita transposição para escrita. E como a sua presença na escrita é vista como problemática, observar o fenômeno e entender os fatores que o condiciona é essencial ao professor de língua portuguesa, principalmente àqueles das séries iniciais do ensino fundamental.

Neste trabalho, as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas nas pesquisas anteriores sobre o fenômeno foram observadas novamente com os

dados de 2018 do projeto VALPB e analisadas estatisticamente no programa RStudio (2020). O corpus da pesquisa é composto por doze entrevistas e todos os informantes são do sexo masculino, estando estratificados em relação à faixa etária (15 a 25 anos e mais de 49 anos) e à escolaridade (de zero a cinco anos, de seis a onze anos e mais de onze anos de escolaridade).

As hipóteses são as de que os falantes, em geral, não têm muita consciência social do fenômeno da monotongação e é justamente por isso que a ocorrência do fenômeno independe de variáveis extralinguísticas como sexo, escolaridade e faixa etária; e, até em situações de fala mais monitorada, a monotongação é recorrente.

Sobre as variáveis linguísticas, a hipótese é a de que as variantes mais significativas para a ocorrência da monotongação sejam contexto fonológico seguinte e tonicidade da sílaba.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: inicialmente, é apresentado o objeto de estudo, com discussões sobre o ditongo e o processo da monotongação. No tópico seguinte é postulado o referencial teórico, que serviu de base para a pesquisa, a saber: a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972) e o significado social da variação para Eckert e Labov (2017). Após apresentar o referencial teórico, a metodologia é descrita, e, por fim, são apresentados os resultados e as considerações finais.

2 OBJETO DE ESTUDO

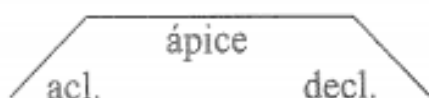
Antes de discorrermos sobre a monotongação, que é o objeto de estudo da nossa pesquisa, é importante retomarmos como o ditongo se realiza na língua portuguesa, para, a partir de então, entendermos o que é o processo de monotongação e como ele se configura em termos variáveis.

2.1 Ditongo

De acordo com Hora (2009), os ditongos são apresentados desde as séries iniciais nas instituições de ensino como um encontro de duas vogais em uma sílaba, mas, em termos linguísticos, nos ditongos, os segmentos vocálicos assumem diferentes qualidades no momento de sua realização, pois um deles é realizado como semivogal ou glide.

As semivogais são vogais que não ocupam o núcleo silábico, ficando à margem da sílaba. Sendo assim, as semivogais não possuem sonoridade suficiente para constituir o que Câmara Jr. (1969) chama de ápice silábico.

Segundo Câmara Jr. (1969), a sílaba é constituída de uma onda sonora que apresenta um movimento de acentuação até atingir um pico de força e depois, um movimento de declive. Na língua portuguesa, descrita por Câmara Jr. (1969), a representação da sílaba é:



Câmara Jr. (1969).

É importante compreender que a posição silábica que cada classe de segmento (vogais, consoantes e semivogais/glides) ocupa depende da força sonora que cada uma possui. Como as vogais são os segmentos mais sonoros, elas ocupam o núcleo da sílaba, que é o ápice da onda sonora, ou seja, da sílaba, enquanto as consoantes e semivogais/glides ocupam as margens: o acentuação e o

declive sonoro¹. A posição inicial da sílaba é denominada de ataque e a final de travamento ou coda, enquanto o ápice é denominado de núcleo.

No português, os segmentos que se caracterizam como semivogal/glide são os segmentos [j]² e [w]. Exemplos:

Pe[j]xe

Co[w]ro

A depender da posição da semivogal no ditongo, a Gramática Tradicional classifica os ditongos em crescentes (quando a semivogal vem antes da vogal) e decrescentes (quando a semivogal vem após a vogal). Para Câmara Jr. (1969), apenas os ditongos decrescentes são ditongos verdadeiros, pois o ditongo crescente pode variar livremente com o hiato (com exceção de kw/gw seguidos de a/o, como em “quando”, “quociente”, “água”).

Bisol (1989) também afirma não haver ditongo crescente. A autora considera que a sequência glide-vogal é o resultado de ressilabação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes.

Sobre as semivogais, existe ainda a discussão sobre os ditongos decrescentes serem interpretados como VV, constituindo uma sílaba aberta, ou se seriam semelhantes ao padrão VC, constituindo uma sílaba travada.

Câmara Jr. (1970) interpreta a semivogal como uma vogal assilábica, usando a pronúncia do “r” como argumento para tal interpretação. O autor chama a atenção para o fato de que, depois de uma sílaba travada, como em “ls[r]ael” e “hon[r]a”, o “r” apresenta-se como forte, o que não acontece depois de ditongo, como em “au[r]ora”, “eu[r]opeu”. Desse modo, a sílaba com ditongo não seria travada, pois as duas vogais ocupariam o núcleo da sílaba e a coda não seria preenchida.

Já Bisol (1989) interpreta a semivogal dos ditongos decrescentes semelhantes a consoantes. Sendo assim, considera que a semivogal ocupa a coda da sílaba, argumentando que no nível subjacente todas as semivogais são vogais altas, que se tornam glides durante o processo de silabação.

¹ Como veremos ainda nesta seção, Câmara Jr. traz uma proposta diferente para a semivogal.

² Há também a representação da semivogal [j] como [y], mas optamos pela forma [j].

Muito embora essa discussão torne distinta a posição da semivogal na sílaba, mas as duas propostas concebem a possibilidade de representar o processo de monotongação, o qual trataremos na seção a seguir.

2.2 Monotongação

Como foi dito anteriormente, o fenômeno da monotongação consiste na redução de um ditongo a uma vogal simples, pelo apagamento da semivogal. Hora e Aquino (2012) fazem menção a esse processo, ressaltando o fato de que esse fenômeno não ocorre em todos os vocábulos que apresentam um ditongo:

O sistema ortográfico do português do Brasil, representado nas gramáticas normativas e nos manuais de ensino da língua, reconhece como ditongo o encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba. Funcionam como semivogais o i e o u, que são representados fonologicamente por /y/ e /w/. No entanto, nem todo vocábulo que comporta um ditongo na escrita tem o mesmo comportamento na fala espontânea. Assim, em vocábulos como *faixa*, *feira*, *vários*, que o sistema ortográfico considera portadores de ditongo, na língua falada, esses mesmos vocábulos podem comportar uma vogal simples, o monotongo, <f~~a~~xa>, <f~~e~~ra>, <v~~a~~ros> ; já outros, como *leite*, *jeito*, *pai*, por exemplo, não permitem o apagamento da semivogal. (HORA, D.; AQUINO, M. F.; 2012, p. 1.103).

Pensando no fato de que não são todos os ditongos que podem ser realizados como monotongos, Bisol (1989) os classifica como leves (falsos) ou verdadeiros. Os ditongos que apresentam variação com monotongos são ditongos leves (ligados a um único elemento V) e os que não monotongam são, para a autora, os verdadeiros ditongos (ligados a dois elementos V). É importante reforçar que, para Bisol (1989), a estrutura CVV é igual a CVC, ou seja, o segundo V está ligado à coda.

Segundo Bisol (1989), os ditongos pesados têm natureza lexical, representados na estrutura subjacente por duas vogais, sendo a segunda lida foneticamente como uma semivogal; e os ditongos leves são pós-lexicais, aparecendo uma única vogal na subyacência e a semivogal é resultante de processo de assimilação de traços. Assim, ditongos leves ou falsos ditongos surgem antes de consoantes palatais. Collischonn explica:

[...] um ditongo leve ou falso ditongo surge diante de consoante palatal. Isto ocorre porque a palatal é uma consoante com articulação secundária, de acordo com a geometria de traços de Clements, uma consoante que possui tanto os traços consonantais propriamente ditos, quanto os traços vocálicos. Traços vocálicos podem espalhar, como acontece com o traço secundário da palatal em contexto específico, isto é, quando precedido de /e/ ou /a/. (COLLISCHONN, 2014, p. 122)

Bisol (1989) afirma que o glide se forma por um processo de assimilação de traços. Para corroborar a sua afirmação, a autora fala que o comportamento do ditongo antes de palatais reflete o fato de que o latim não mostrava uma posição para o glide. No verdadeiro ditongo, o glide aparece por uma substituição ou apagamento de uma consoante, tomando o lugar da consoante e tende a ser preservado. É o caso da palavra reitor, do latim rector.

Os ditongos leves variam com monotongos sem criar distinção de sentido entre a forma ditongada e a forma monotongada. São, portanto, ditongos fonéticos. Já os ditongos pesados criam pares mínimos com a vogal simples, ou seja, oferecem distinção entre a forma ditongada e a forma monotongada. São, portanto, ditongos fonológicos.

Considerando as afirmações da autora, os ditongos em (1) são ditongos leves e os ditongos em (2) são os verdadeiros ditongos:

(1) p[ej]xe ~ p[e]xe
 mant[ej]ga ~ mant[e]ga
 p[ow]co ~ p[o]co
 c[ow]ro ~ c[o]ro

(2) j[ej]to – *j[e]to
 p[aj] – p[a]
 b[aj]rro – b[a]rro
 m[ej]ga – *m[e]ga

As formas monotongadas das palavras em (1) existem na língua, sem representar uma palavra diferente. Já em (2), os ditongos não podem sofrer redução, pois palavras como “*j[e]to”, “p[a]”, “b[a]rro” e “*m[e]ga” não representam a mesma palavra com o ditongo.

Dessa forma, são os ditongos leves que estão envolvidos no processo de monotongação e, por isso, configuram-se como objeto de estudo da nossa pesquisa. E para dar conta do aspecto variável desse processo, discutiremos no próximo tópico sobre a teoria que nos servirá de base para descrição e análise dos dados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Como visto na discussão sobre o nosso objeto de estudo, o processo da monotongação é variável e, portanto, pressupõe uma teoria que possa dar conta dos contextos que promovem essa variação. Dessa forma, discorreremos brevemente neste tópico sobre a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963; 1966) que se apresenta como um aparato teórico eficiente e robusto para lidar com a variação.

3.1 Teoria Da Variação Linguística

O modelo de análise adotado no presente estudo é o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística, cujos primeiros pressupostos foram discutidos no texto *Empirical Foundation for a Theory of a Language Change*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog, em 1968. Mas coube a Labov consolidá-lo através de suas pesquisas. Esse modelo assume o vernáculo (a fala não monitorada) como objeto de estudo e não admite uma ciência da linguagem que não seja social.

Essa relação entre língua e social era concebida, embora não trabalhada, desde o modelo estruturalista da linguagem nas décadas de 20 e 30, uma vez que se entendia que a língua era compartilhada socialmente. Essa relação de constructo social, proposta por Saussure (2002), foi deixada de lado pela escola gerativo-transformacional, já que buscava outro campo de observação da linguagem. Segundo Chomsky (1965), grande propulsor do modelo gerativo-transformacional para a análise linguística, o objeto dos estudos linguísticos deve se voltar à competência linguística do falante-ouvinte em uma situação linguística homogênea (TARALLO, 1986). Dessa forma, o gerativismo tira o foco da língua enquanto entidade social para buscar desvendar o processo de geração/construção dessa linguagem cognitivamente.

O modelo de análise proposto por Labov, também chamado de “sociolinguística quantitativa”, pelo fato de operar com números e analisar estatisticamente os dados, retoma as discussões que voltam a insistir na relação entre língua e sociedade, defendendo a possibilidade de sistematização da variação inerente à língua. É importante ressaltar que esse era o grande desafio teórico,

conseguir dar conta do aspecto heterogêneo da língua. Essa sistematização busca controlar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os processos variáveis.

A partir dos estudos de Labov sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), em 1963, e sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, em 1966, fica claro que

as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social. (BRESCANCINI, 2007, p. 71-72).

A sistematização da variação, segundo Tarallo (1986, p. 10-11), consiste em fazer, inicialmente:

- 1) um levantamento exaustivo de dados da língua falada, os quais devem refletir o vernáculo da comunidade;
- 2) uma descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) uma análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a (s) outra (s).

E consiste, ainda, em verificar:

- 4) o encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade (em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada);
- 5) a projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade (a relação de contemporização entre as variantes).

É importante ressaltar que só é possível verificar (5), a projeção histórica, se tivermos um estudo que permita mapear a mudança linguística, ou seja, um estudo de tempo real associado ao de tempo aparente.

O estudo da mudança em tempo real pode ser feito de duas maneiras. A maneira mais simples e eficiente, segundo Labov (2010), é pesquisar a literatura que trata da comunidade em questão e comparar os achados anteriores com os

atuais. A outra maneira de mapear a mudança em tempo real é a mais difícil e elaborada: voltar à comunidade após um lapso de tempo e repetir o mesmo estudo.

Já o estudo da mudança em tempo aparente consiste em usar o presente para interpretar o passado, voltando à cena de um estudo anterior para repeti-lo o mais próximo possível, a partir de um estudo de tendências ou de um estudo de painel.

Nesta pesquisa, será possível estabelecer uma comparação entre dois *corpora*, o levantado em 1994, que já possui estudos sobre o processo de monotongação, e o levantado em 2018, cujos dados serão analisados por nós. Na seção da metodologia, essas questões serão explicitadas com mais detalhes.

3.1 Significado Social da Variação: Eckert e Labov (2017)

Quando o falante adapta a sua fala de acordo com o contexto em que está inserido, com o grau de formalidade envolvido na situação comunicativa, demonstra ter consciência do valor que é atribuído à sua fala em cada situação. Observar as variáveis que apresentam sensibilidade estilística ao contexto é, de acordo com Eckert e Labov (2017), buscar pistas do significado social da variação, que pode servir como motivação para uma mudança linguística sólida.

Sendo assim, a associação da variação linguística com o status e com a postura do falante no contexto de interação indica qual o significado social da variação. Significado social é, então, definido pelos autores (2017, p.469), como a “associação convencional entre distinções no mundo e distinções na forma linguística”.

O termo “significado social” pode parecer redundante, visto que todo significado é social na medida em que é construído para determinados fins no decurso de trocas sociais; porém, Eckert e Labov (2017) destacam que, embora todos os símbolos sejam sociais no sentido de que são socialmente construídos, o significado da variação é puramente social, pois não tem referência e indica algo a respeito do falante, o qual age como um “ator social” na situação de fala.

Segundo os autores, as variáveis assumem significado social na interação entre os falantes à medida que associam o que articulam e o que ouvem a aspectos do contexto. Sendo assim, já que o significado é construído na interação entre

falante e ouvinte, evidências de significado social devem ser buscadas, em última análise, reunindo dados sobre produção e percepção.

Durante a pesquisa sobre o vernáculo da cidade de Nova Iorque, William Labov (1966), por já perceber o paradoxo que o observador enfrenta ao tentar selecionar uma fala totalmente espontânea usando um método de coleta formal (a entrevista), deixa-a de lado e reúne dados a partir apenas da escuta das falas dos informantes em situação informal.

Para tentar amenizar os efeitos dessa formalidade da coleta na fala dos informantes através da entrevista, Labov (1984) propõe, também, que o grau de formalidade na entrevista seja deliberadamente variado, a fim de variar a quantidade de atenção que o entrevistado dá ao seu discurso. E para se obter essa variedade no grau de formalidade, o autor sugere a mudança de tópico/assunto da entrevista. Sugere que quanto mais envolvido no tema da pergunta menos atenção coloca na forma como fala.

Para Labov (1984), a coleta de narrativas de experiência pessoal seria a melhor forma de conseguir dados de fala espontânea, pois, como corrobora Tarallo (1986, p.22), “o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”.

Como visto, a mudança de assunto da entrevista, na tentativa de variar os níveis de formalidade e informalidade, dá, segundo Eckert e Labov (2017), uma indicação indireta de como os falantes podem operar na interação com a comunidade, podendo então ser analisada na busca de indícios do significado social da variação, ainda que as demonstrações mais claras desse significado sejam encontradas em estudos que observam os falantes em diferentes contextos sociais (no trabalho, com a família, com amigos, etc.).

No presente estudo, a mudança de assunto da entrevista³ foi observada a fim de verificar se o fenômeno da monotongação é, de algum modo, sensível à mudança nos níveis de formalidade da entrevista.

³ Este ponto será melhor esclarecido na metodologia.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente estudo consiste em investigar doze entrevistas sociolinguísticas, realizadas no ano de 2018, do banco de dados do projeto VALPB⁴ (Variação Linguística no Estado da Paraíba), analisando todas as ocorrências do ditongo [ej] e observando o fenômeno da monotongação (apagamento do glide no ditongo decrescente) na fala desses informantes.

Todos os informantes são do sexo masculino, nasceram em João Pessoa e nunca passaram mais de cinco anos fora da cidade. Estão estratificados em relação à faixa etária (15 a 25 anos e mais de 49 anos) e à escolaridade (de zero a cinco anos, de seis a onze anos e mais de onze anos de escolaridade). São seis informantes de cada faixa etária e dois para cada ano de escolaridade.

QUADRO 1 - Estratificação social dos informantes para a coleta de dados

1ª FAIXA ETÁRIA - 15 a 25 ANOS		
Escolaridade	Informante	
00 a 05 anos	WASS	WESS
06 a 11 anos	EM	DMTS
Mais de 11	LAE	BS
2ª FAIXA ETÁRIA - MAIS DE 49 ANOS		
Escolaridade	Informante	
00 a 05 anos	SRA	JFS
06 a 11 anos	JCS	VSN
Mais de 11	SCP	EFJ

Fonte: Autora

As variáveis independentes linguísticas consideradas na pesquisa são contexto fonológico seguinte, natureza morfológica do ditongo, tonicidade, número de sílabas e classe gramatical da palavra. As variáveis independentes extralinguísticas controladas são faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista.

⁴ É importante mencionar que o Projeto VALPB possui um acervo expressivo de *corpora*. O primeiro *corpus* levantado para o Projeto teve início em 1994. Depois, outros *corpora* foram levantados, a exemplo do que utilizaremos nesta pesquisa, que foi coletado em 2018. Outro ponto a ser destacado é que esse *corpus* possui um total de 36 informantes, mas, para esta pesquisa, utilizaremos apenas 12 e que tanto o corpus de 1994 quanto o de 2018 foram coletados na grande João Pessoa, buscando, dessa forma, mapear o perfil linguístico dessa comunidade.

QUADRO 2 - Variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas

	Variável – Fatores	Subfatores
Variáveis independentes linguísticas	Contexto fonológico seguinte	[a], [c], [ʒ]; [l]; [m]; [n]; [o]; [P]; [s]; [t]; [v]; [ʃ]
	Tonicidade	Pretônica, tônica, postônica
	Classe gramatical	Adjetivo, advérbio, numeral, substantivo, verbo
	Número de sílabas	Dissílabo, trissílabo, polissílabo
	Natureza morfológica	Radical ou sufixo
Variáveis independentes não linguísticas	Informante	WASS; WPS; EM; DMTS; LAE; BS; SRA; JFS; JCS; VSN; SCP; EFJ
	Faixa etária	15 a 25 e mais de 49 anos
	Assunto	Bairro; família; infância; lazer; política; perigo de morte; João Pessoa; preconceito; língua
	Escolaridade	0 a 5 anos; 5 a 11 anos; mais de 11 anos

Fonte: Autora

As entrevistas do VALPB, de acordo com as bases teóricas e metodológicas para o estudo do estilo, encontradas na pesquisa de Labov sobre o vernáculo da cidade de Nova Iorque no ano de 1966, seguem um roteiro que permite registrar pistas da influência do estilo na fala.

O roteiro seguido nas entrevistas do VALPB permite que sejam registradas narrativas pessoais, portanto menos formais, e narrativas mais “formais”. Os assuntos de caráter mais pessoal abordados nas entrevistas analisadas são sobre o bairro do informante, sua infância, sua família, os seus momentos de lazer, seu trabalho e situações em que o informante passou por perigo de morte. Os assuntos

mais formais, por serem menos pessoais e envolverem defesa de algum ponto de vista, são sobre religião, política, preconceito, cidade de João Pessoa e língua. É possível que esses tópicos se tornem mais formais por envolverem estratégias linguísticas de argumentação e, por isso, terminem atraindo mais atenção à forma como se fala e, conseqüentemente, distanciem-se do que seria o vernáculo. Mas também é possível atrelar o grau de formalidade/informalidade a outros fatores, como nível de intimidade com o entrevistador (quanto mais próximo socialmente do entrevistador, mais informal a entrevista se torna), o momento da entrevista em que aquela pergunta foi feita (quanto mais no início da entrevista, maior é a tendência à formalidade) e propriedade sobre o assunto discutido (quanto mais conhecimento sobre o assunto, mais propriedade o falante tem de discorrer sobre ele e, conseqüentemente, menos formal se torna a fala).

Sendo assim, na tentativa de buscar pistas sobre o tipo de registro influenciar ou não na monotongação, foi observada a influência do assunto da entrevista na ocorrência do fenômeno (se é menos recorrente ou se o falante faz alguma correção quando o assunto é menos pessoal, por exemplo).

Para a análise dos dados, foi feito inicialmente um levantamento de todas as ocorrências do ditongo [ej] durante as doze entrevistas, na fala de todos os informantes. As ocorrências foram ouvidas exaustivamente e todos os dados sobre a variável dependente e sobre as variáveis independentes foram tabulados.

Após o trabalho de escuta e tabulação, todos os dados foram analisados estatisticamente no RStudio (2020), software de desenvolvimento integrado da linguagem R⁵ (2009), para que fossem obtidos resultados estatísticos confiáveis sobre a influência das variáveis no fenômeno da monotongação.

Cientes da descrição do aparato metodológico da nossa pesquisa, podemos dar início a discussão dos resultados, que é o objetivo da próxima seção.

⁵ Linguagem de programação e também ambiente de desenvolvimento integrado para a criação de gráficos e cálculos estatísticos.

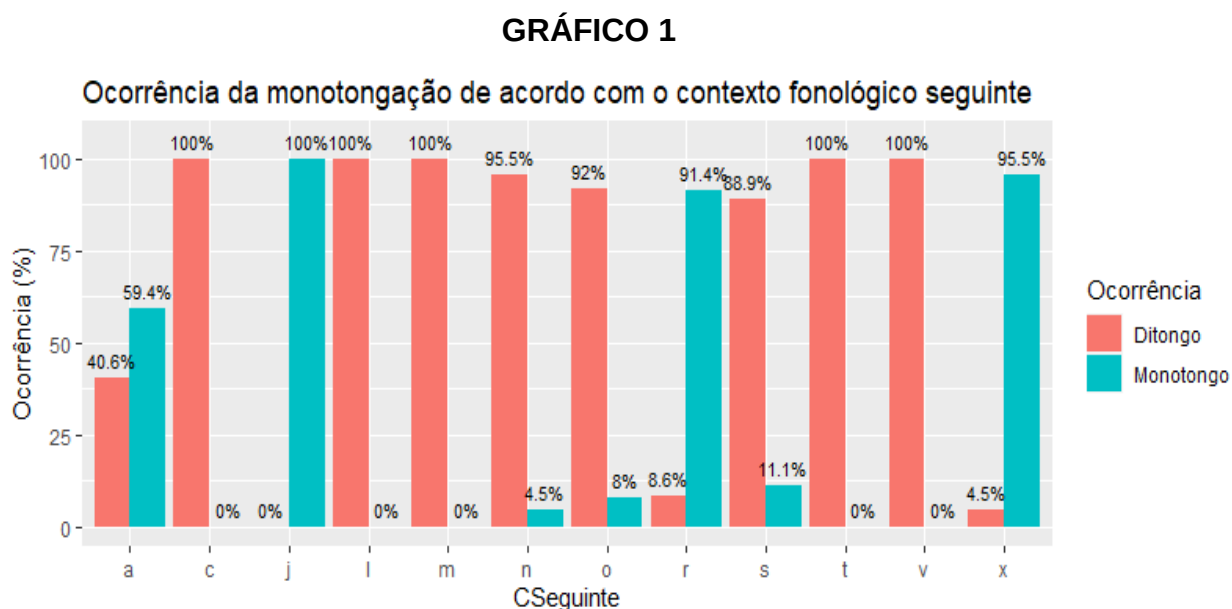
5 RESULTADOS

Depois da tabulação de todas as ocorrências de palavras com o ditongo [ej] nas entrevistas dos doze informantes selecionados para a pesquisa, os dados foram analisados estatisticamente no programa RStudio (2020), sendo aplicado o teste de qui-quadrado para verificar se existe, de fato, associação entre as variáveis consideradas no estudo. Primeiramente, discutiremos sobre os contextos linguísticos que condicionam o processo e, na sequência, trataremos sobre os aspectos extralinguísticos.

5.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas apontadas como as mais significativas para a monotongação foram contexto fonológico seguinte, tonicidade e natureza morfológica do ditongo.

O gráfico a seguir mostra os resultados percentuais das ocorrências de acordo com o contexto fonológico seguinte:



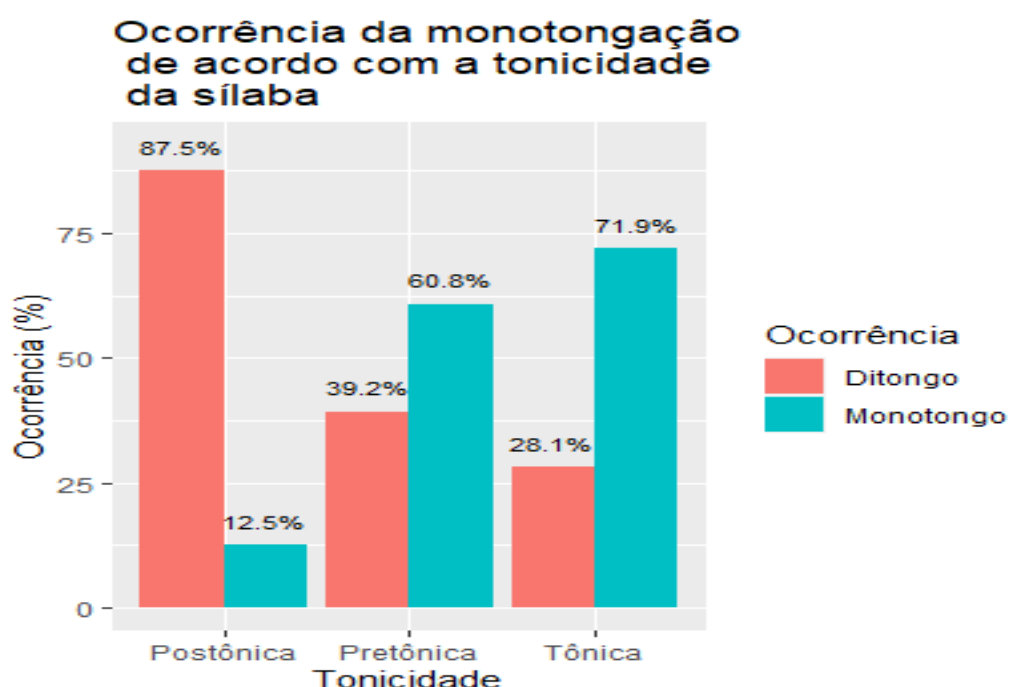
Fonte: Autora

Os contextos fonológicos seguintes que mais favorecem a monotongação, como podemos observar pelo gráfico, são [3]; [P]; e [j], com uma diferença

percentual muito significativa em relação aos outros contextos, a exemplos de palavras como: queijo, banheiro, deixa. O teste de qui-quadrado não aponta o contexto fonológico seguinte como uma variável positiva na ocorrência porque faz um cálculo da associação a partir de todos os contextos, e a maioria realmente não tem influência no fenômeno.

De acordo com a amostra da pesquisa, os resultados também demonstraram associação entre a ocorrência da monotongação e a tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo. O gráfico a seguir representa a distribuição de frequência da variável tonicidade:

GRÁFICO 2

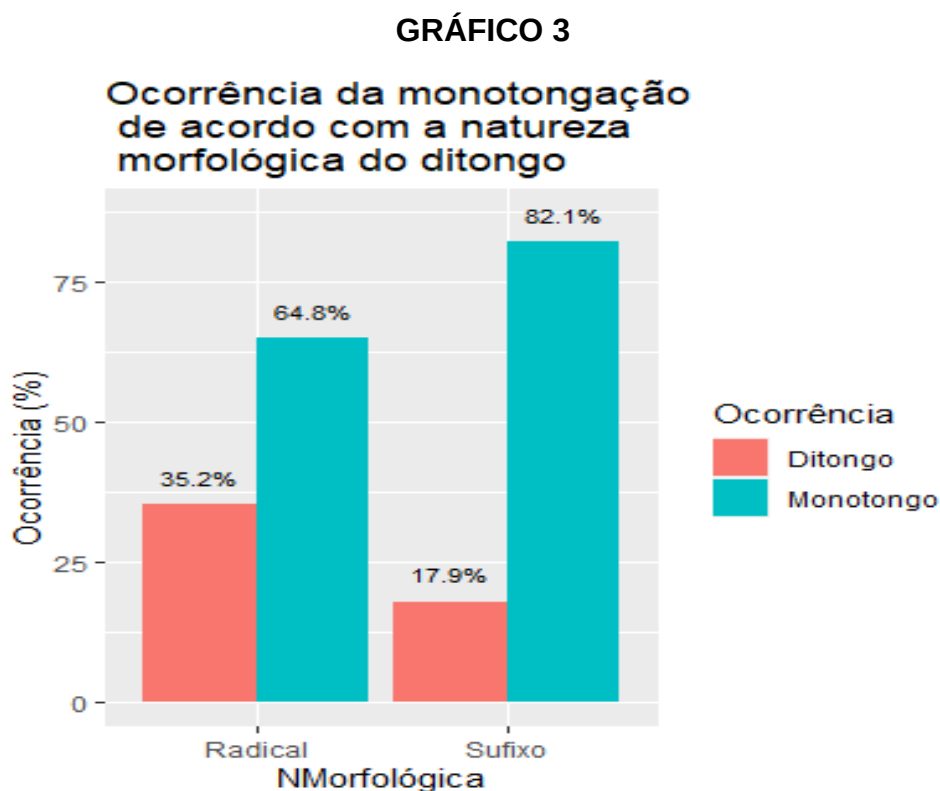


Fonte: Autora

O gráfico mostra que, se o ditongo estiver na sílaba pretônica ou na sílaba tônica, como em “primeiro” e “deixar”, a chance de a semivogal ser apagada é consideravelmente maior do que se o ditongo estiver após a sílaba tônica. O teste de qui-quadrado também demonstra que, considerando a amostra da pesquisa, a monotongação está associada à tonicidade ($X^2 = 16.282$, $df = 2$, $p\text{-value} = 0.0002913$).

A terceira variável apontada como significativa pelo programa, a partir do teste de qui-quadrado, foi natureza morfológica do ditongo. O teste apresentou os seguintes valores: X-squared = 13.802, df = 1, p-value = 0.0002031.

O gráfico a seguir demonstra que a monotongação é mais recorrente quando o ditongo está no sufixo na palavra:



Fonte: Autora

Embora o p-valor indique que a associação entre as variáveis seja provavelmente verdadeira, talvez haja uma sobreposição de contextos neste caso. Pois, considerando todas as palavras da amostra, percebe-se que a maioria dos sufixos com o ditongo [ej] apresenta [P] como contexto fonológico seguinte, por exemplo, os sufixos -eiro e -eira (brasileiro, banheira). Como visto anteriormente, esse contexto é altamente favorecedor do processo. Sendo assim, uma hipótese seria que o que de fato pode estar condicionando positivamente a monotongação é o contexto fonológico seguinte ao ditongo e não a sua natureza morfológica.

Os resultados encontrados para as variáveis linguísticas corroboram os resultados encontrados nas pesquisas de Hora e Souza (2001). O contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba são fatores condicionadores para a

monotongação. Porém, diferente dos resultados encontrados no presente estudo, a pesquisa de Hora e Souza (2001) obtém como resultado a posição pretônica influenciando mais a monotongação que a posição tônica.

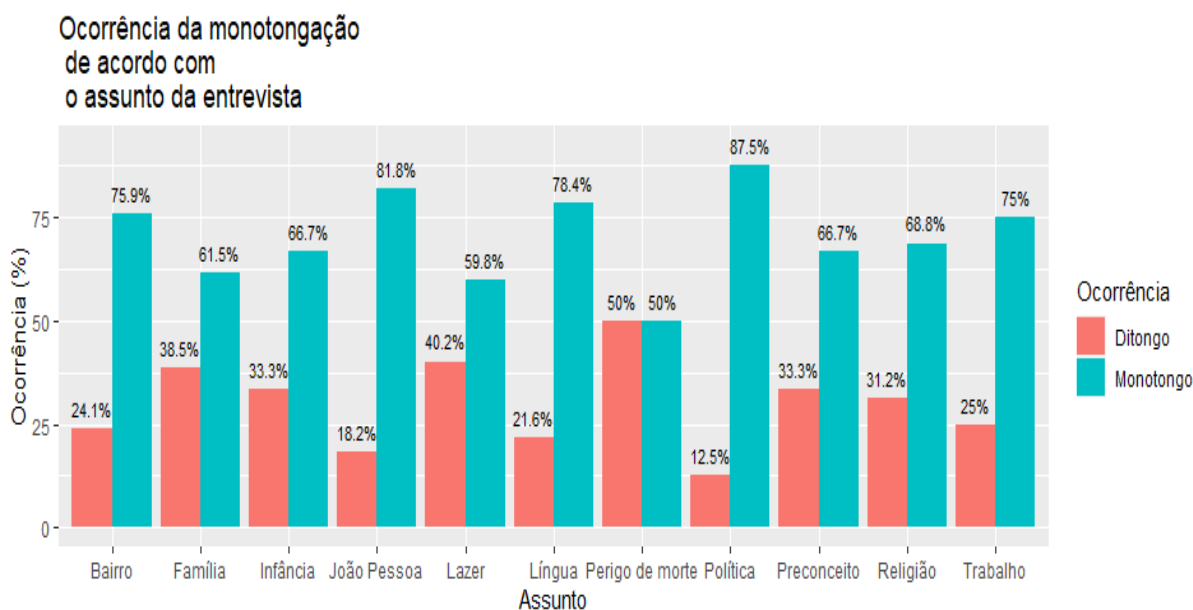
Aragão (2009), em sua pesquisa sobre a monotongação em João Pessoa, encontra como resultado a extensão da palavra favorecendo na redução do ditongo. Considerando a amostra da autora, quanto maior o número de sílabas, mais chances de o ditongo ser reduzido a uma vogal simples. Nesta pesquisa, porém, o número de sílabas não demonstrou ser significativo.

5.2 Variáveis Extralinguísticas

Como esperado, as variáveis extralinguísticas não foram significativas para a ocorrência da monotongação. Considerando a amostra, o apagamento da semivogal em um ditongo não está relacionado à faixa etária ou à escolaridade do falante, mas sim a questões linguísticas.

Esse resultado difere do encontrado por Hora e Souza (2001) apenas com relação à escolaridade, pois os autores encontram como resultado os falantes mais escolarizados sendo menos favoráveis à monotongação.

Nos nossos dados, apenas a variável assunto da entrevista apresentou-se como significativa pelo teste de qui-quadrado ($X^2 = 21.451$, $df = 10$, $p\text{-value} = 0.01816$), mas, ao analisarmos o Gráfico 4, percebemos que, na verdade, não há causalidade entre o assunto mais pessoal ou informal e a ocorrência da monotongação, assim como não há entre o assunto menos pessoal e a manutenção da semivogal do ditongo. Dessa forma, isso nos leva a acreditar que a variabilidade das ocorrências está mais relacionada a quais palavras foram ditas durante cada assunto do que à formalidade/informalidade deste, corroborando, assim, que os fatores mais significativos são, de fato, os linguísticos.

GRÁFICO 4

Fonte: Autora

Observando o gráfico, podemos perceber que alguns dos assuntos considerados mais impessoais e que, para Labov (1984), o falante daria mais atenção à fala, são os que mais apresentam ocorrência da monotongação. Inclusive, o assunto em que mais verificamos a ocorrência da monotongação é o assunto política, que pode ser considerado mais formal por sugerir uma defesa de ponto de vista. O assunto lazer, no qual o falante fala sobre as suas horas de descanso e os lugares que gosta de frequentar para se divertir, apresenta mais ocorrências do ditongo do que assuntos lidos como mais formais como trabalho, política, preconceito e língua. E se atentarmos também à relação entre a manutenção do ditongo e a monotongação, em todos os assuntos, a monotongação teve porcentagens bem superiores, com exceção ao tema “perigo de morte” em que as duas tiveram a mesma porcentagem. Isso pode indicar que o processo, por ser menos marcado socialmente, já que a faixa etária, os anos de escolarização e o sexo não condicionam a sua variação, também não se correlaciona ao nível de formalidade e/ou pessoalidade do instrumento de pesquisa.

Em linhas gerais, podemos perceber que os resultados da nossa pesquisa seguem os padrões já encontrados nas pesquisas de Hora e Souza (2001) e Aragão (2009), corroborando que a monotongação é um processo condicionado linguisticamente e que é socialmente aceito pela comunidade pessoense.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados da nossa pesquisa, a monotongação é um fenômeno linguístico que o falante quase não tem consciência da ocorrência, e, por isso mesmo, variáveis extralinguísticas como faixa etária e escolaridade não são significativas. Nesta pesquisa e em todas as outras pesquisas mencionadas, a variável faixa etária não foi significativa para a ocorrência da monotongação, assim como a variável sexo, por isso mesmo não foi considerada neste estudo.

O fenômeno é motivado por questões linguísticas, já que as variáveis sociais não demonstram influência significativa. Enquanto os resultados forem esses, é compreensível crer que o fenômeno da monotongação se trata de uma variação estável na língua, pois não há pista alguma de uma mudança em progresso, já que não há diferença significativa na ocorrência do fenômeno entre as faixas etárias, assim como não houve mudança de comportamento entre os dois *corpora*, o de 1994, analisados por Hora e Souza (2001) e o de 2018, analisado nesta pesquisa.

Sobre a variável assunto da entrevista, a partir da maneira como foi observada a mudança de estilo, os resultados reforçaram que a monotongação não é condicionada estilisticamente, já que em todos os tópicos da entrevista tivemos uma alta porcentagem do fenômeno. Porém, é importante ressaltar que apenas a observação do falante em diferentes contextos sociais e a reunião de dados de fala e de percepção fornecem evidências sólidas sobre o significado social da variação, por isso a necessidade de ampliar os instrumentos em pesquisas futuras.

Ainda nesse sentido, a pesquisa de Aragão (2009) encontrou como resultado “o tipo de registro” influenciando na ocorrência da monotongação. Esse é um resultado muito interessante, que merece ser considerado mais significativamente para confrontar o fato de que os nossos dados demonstraram a monotongação como um fenômeno totalmente condicionado por fatores linguísticos.

Reforçamos que essa busca pelo significado social da variação também fornece evidências importantes acerca de uma possível mudança na língua, pois pode dispor de indícios sobre o prestígio - ou a falta dele - associado às formas em variação na língua.

Finalmente, dada a importância desses estudos para o ensino da língua, é imprescindível destacar que as pesquisas sociolinguísticas devem ser mais divulgadas aos cursos de pedagogia e de Letras, pois os alunos das séries iniciais

do ensino fundamental costumam transferir para a escrita as formas em variação na fala, e, muitas vezes, essa prática se estende às fases mais avançadas do ensino fundamental e ao ensino médio. Sendo assim, os professores desses alunos precisam conhecer o que acontece pelo menos com os fenômenos mais recorrentes, como é o caso da monotongação, para que possam auxiliar os seus alunos da maneira correta, sem frustrá-los, fazendo-os acreditar que não conhecem a sua própria língua.

7 REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Os estudos fonético-fonológicos nos estados da Paraíba e do Ceará. **Revista da Abralín, Revista da Associação Brasileira de Linguística**. Pará, v. 8, n. 1, 2009, p. 163-184.
- BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. D. E. L. T. A., São Paulo, v. 5, n. 2, 1989.
- _____. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A teoria da variação linguística. In: AGUIAR, Vera Teixeira (Org.). **A pesquisa em Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 71 - 85.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 99 – 131.
- ECKERT, Penelope; LABOV, William. *Phonetics, phonology and social meaning*. **Journal of Sociolinguistics**. Stanford: John Wiley & Sons Ltd, 21/4, 2017, p. 467 – 496.
- HORA, Dermeval. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba** (VALPB). 1993.
- _____; SILVA, Fabiana de Souza. *Processo de monotongação em João Pessoa*. **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 2001, p. 79 – 93.
- _____. **Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa**. 2009. Disponível em: biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em 14/10/2020.
- _____; AQUINO, Maria de Fátima. **Da fala para a leitura: análise variacionista**. São Paulo: Alfa, v. 56, n. 3, 2012, p. 1099-1115.
- H. Wickham. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. Springer-Verlag New York, 2016.

LABOV, William. ***The social stratification of English in New York City***. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Field methods of the Project on Linguistic Change and variation*. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). ***Language in Use: Readings in Sociolinguistics***. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

_____. ***Principles of linguist change: cognitive and cultural factors***, Vol. III. Oxford: Wiley – Blackwell, 2010.

R Development Core Team (2009). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL: <http://www.R-project.org>.

Equipe RStudio (2020). *RStudio: Desenvolvimento integrado para R*. RStudio, PBC, Boston, MA. URL: <http://www.rstudio.com/>.

SAUSSURE, Ferdinand. ***Curso de Linguística Geral***. 30.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da. ***Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade***. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p.29 – 44.

TARALLO, Fernando. ***A pesquisa sociolinguística***. 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TRASK, Robert Lawrence. ***A dictionary of phonetics and phonology***. London/ New York: Routledge, 1996.